

O Processo Saúde/Doença

1 – Introdução – levando-se em consideração que o homem é um indivíduo e uma das espécies vivas da biosfera, inclusive tem uma posição taxonômica e sistemática, por isso, pode ser considerado, semelhante como os demais seres vivos, como um sistema vivo que participa do ecossistema. Entretanto, o homem difere dos demais seres vivos pela sua maior capacidade de socialização e do acúmulo de conhecimentos que trouxe como consequência o desenvolvimento da tecnologia.

O conhecimento influi de maneira decisiva na conduta e a tecnologia modifica o ambiente de maneira favorável ou desfavorável à própria existência humana. Dessa maneira, por intermédio da capacidade de relação, constrói o próprio modo de viver subordinado à cultura e ao meio aos quais pertence. É óbvio que a existência humana não inclui apenas as necessidades básicas de subsistência da espécie fundamentada em alimentação, abrigo e reprodução.

Existem outras necessidades, também indispensáveis, constituindo-se em valores essenciais para o homem moderno, tais como a sociabilidade, o desenvolvimento cultural (aquisição de conhecimentos) e do trabalho, a satisfação sexual, a apreciação da arte, a participação social, a oportunidade de recreação e o gozo da saúde.

Desse modo, cada ser humano é único, distinguindo-se dos demais, constituindo uma personalidade única. Por isso, a saúde passa a ser um dos atributos individuais, podendo-se mensurar (medir), semelhante aos demais, como peso, altura, cor da pele e outros.

2 – O Processo Saúde Doença – embora até há pouco tempo tenha se definida a saúde como o contrário de doença e, desse modo, o conceito daquela seria a ausência desta, entretanto, não se deve considerar apenas estados extremos de uma e de outra, com nítidos limites de separação. O que existe na realidade é um gradiente de sanidade numa escala empírica que vai desde o gozo de um estado de plena saúde, até o seu oposto que é a morte. Entretanto, essa conceituação não especifica o que é, mas, sim o que não é a saúde, redundando logicamente na necessidade de caracterizar a doença.

Logo após a Segunda Guerra Mundial, desenvolveram concepções de saúde baseada em situações idéias e como se sabe, tais conceitos são bastante imprecisos e utópicos para serem

alcançados, tornando-os insuficientes sobre vários aspectos, entre eles o mais divulgado é aquele referido pela OMS, já descrito.

A saúde não é um fenômeno isolado estando profundamente relacionada com o contexto sócio-cultural; e a percepção da saúde ou do oposto, a doença, isto é o reconhecimento da falta daquela, tem variado conforme os padrões culturais. Conformei visto, desde o início da história da humanidade que o homem já se preocupava com a saúde, reconhecendo que a doença representava, além de sofrimento e tristeza, num ônus considerável para as pessoas, a família e a nação.

3 – Evolução do Processo Saúde/Doença – as sociedades primitivas reconheciam a saúde como um fator ligado a forças divinas ou sobrenaturais, e a doença como resultando da ação de maus espíritos ou castigo dos deuses. Por isso, eles utilizavam para curar ou evitar as doenças e conservar a saúde, certas formas de magia, bruxarias e poções mágicas para afugentar os maus espíritos. Bem antes da era cristã, as sociedades antigas como os gregos, hebreus, egípcios, persas, romanos e outros, pensavam em termos de saúde física. Na Grécia, as pessoas tinham o um cuidado especial com o corpo. O saneamento era uma preocupação constante dos hebreus, na tentativa de prevenir a doença. Os romanos tinham uma preocupação com a higiene tanto do corpo, através dos banhos térmicos, como da higiene com a água de beber, através da construção de aquedutos (que até hoje serve a população) que recolhiam água das nascentes, sem nenhum processo de contaminação.

A teoria miasmática afirmava que a doença era influenciada por situações ambientais, especialmente com relação ao ar, ou seja, a má qualidade do ar, oriundo de emanações provenientes da putrefação da matéria orgânica, produzindo determinadas enfermidades. A denominação malária é o resultado da união de “mal + ar” que teve esse nome devido a crença nesta maneira de transmissão. Esses miasmas ou emanações eram transmitidos de doentes para pessoas suscetíveis, explicando assim a origem das epidemias das doenças contagiosas. Esta teoria exerceu influência até o aparecimento da teoria microbiano-parasitária, que incriminava os micróbios como elementos causadores de doenças.

A teoria unicausal para a existência da doença existe desde o início da humanidade, sendo caracterizada como um elemento externo que entrava e saía do organismo de forma incontrolável. Esta teoria atingiu o seu apogeu após o início da era bacteriológica, pois muitos

indivíduos, inclusive cientistas, acreditavam que se identificando o agente infeccioso e os seus mecanismos de transmissão, estava equacionado o problema da prevenção.

A teoria microbiano–parasitária criou a impressão de que as doenças poderiam ser explicadas por uma única causa, o agente etiológico, que terminou sendo conhecida como a "**teoria do germe**". Esta teoria substituiu com vantagens a teoria miasmática, constituindo uma linha promissora de investigação etiológica.

A teoria multicausal da doença começou e continuou durante todo o século XX, se consolidando na década de 1.960 e sepultou definitivamente a teoria unicausal. Neste modelo, a saúde ocorre por causa do equilíbrio entre fatores diversos e múltiplos e a doença ocorre quando é rompido esse equilíbrio, provocado por uma mudança na força com que opera um ou mais destes elementos. São reconhecidos três tipos de fatores: os do agente, os do hospedeiro e os do ambiente. *Em outras palavras, o processo da doença no homem depende das características dos agentes patogênicos, de peculiaridades do indivíduo e de sua resposta a estímulos provocadores da doença, oriundos do ambiente e do próprio indivíduo.*

Nota – este texto é, na realidade, uma breve introdução, por isso queremos esclarecer aos interessados no assunto, que para obter o texto na íntegra (total), basta solicitá-lo, que atenderemos todos os pedidos e enviaremos os mesmos pelos Correios e Telégrafos; portanto, entre em contato conosco através dos nossos telefones ou e-mail.

À Direção.

Maceió, Janeiro de 2.012

Autor: Mário Jorge Martins.

Prof. Adjunto de Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).

Mestre em Parasitologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Médico da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA).

